

Ofensiva militar em Inhambane

11/10/83

TOMADO A SUL O MAIOR ACAMPAMENTO DOS BANDIDOS

Mambuli era centro de planificação da sabotagem e distribuição de armas fornecidas pela África do Sul

As Forças Armadas de Moçambique (FPLM) assaltaram e ocuparam o acampamento central dos bandidos armados em Mambuli, na Província de Inhambane, considerado o maior em todo o Sul do Save. Localizado a sete quilómetros da sede da localidade de Tome, em Govuro, este acampamento alber-

Até então considerado, pelos bandidos, inexpugnável e sendo, sem dúvida, um dos lugares mais estratégicos do ponto de vista logístico e de planificação das actividades terroristas de sabotagem dos bandidos armados, o acampamento de Mambuli funcionava como um entreposto de armazenamento e distribuição de material de guerra, que no local era lançado em para-quedas por aviões da tropa racista sul-africana.

O assalto deste acampamento pelas forças representou um golpe decisivo para o inimigo. A sua concretização culminou numa série de manobras militares preparatórias, realizadas pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM) desde Junho do corrente ano, nos distritos de Vilanculo, Mabote e Massingao, integradas na ofensiva generalizada que o Comando Militar Provincial de Inhambane leva a efeito contra os bandidos armados em toda a província.

Numa acção coordenada, batalhões das FAM (FPLM) desmantelaram sub-acampamentos de bandidos nas zonas de Buchane e Cometeia, ambos em Vilanculo e uma concentração inimiga em Mpatatane, Massingao, marchando depois para Tome. Em 23 de Agosto último realizaram o assalto final ao refúgio central dos bandidos, em Mambuli.

Em renhido combate, que se prolongou por mais de cinco horas, ao qual se seguiram outros cinco combates menores nos três dias subsequentes, os bandidos foram finalmente expulsos na zona, de onde fugiram

em debandada, abandonando no terreno dezenas de mortos. As nossas forças capturaram no local grandes quantidades de armamento e dezenas de prisioneiros, e recuperaram material como motorizadas, rádios e aparelhagem sonora diversa, que haviam sido saqueadas às populações pelos bandidos armados.

O ACAMPAMENTO DOS BANDIDOS POR DENTRO

Integrado num grupo da Informação moçambicana, de que fazia igualmente parte uma equipa do INC, visitámos há dias o acampamento de Mambuli, onde vimos vestígios e colhemos imagens que testemunham a vida decadente que os bandidos levam e a sua natureza brutal.

Diseminado ao longo de uma área com três quilómetros de comprimento, por mais de 1,5 quilómetros de largura, o acampamento de Mambuli está encravado numa zona planáltica, no meio de um denso arvoredor.

A sua volta erguem-se algumas dezenas de habitações pertencentes a famílias já desde outrora residentes no local e que à força das armas foram obrigadas pelos bandidos a manterem-se na zona. Segundo nos dizem, ao manterem assim as famílias cativas nas suas próprias residências, os bandidos pretendiam que estas lhes servissem de escudo de protecção contra eventuais ataques das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), ao mesmo tempo que tentavam formar um cordão de infor-

gava o comando que coordenava as acções de destruição e sabotagem de infra-estruturas económicas e sociais, levadas a cabo pelos bandos armados a soldo dos racistas sul-africanos, ao nível das províncias de Maputo, Gaza e Inhambane.

medoras das posições das nossas forças e das zonas onde existissem criadores de gado ou machambas, que eles saqueavam impiedosamente.

Quando aqui chegaram, os bandidos roubaram-nos todo o nosso gado e quando alguém se atrevia a abrir a boca era espancado e ameaçado de morte. Já não há bois, cabritos, nem machambas nesta zona. Eles comiam a carne dos nossos animais e a nós atiravam-nos as peles — disse-nos, amargurado, um residente da zona, em tempo criador de gado, que foi espoliado de mais de 30 cabeças de bóvinos e cabritos pelos bandidos.

AUTÉNTICO CEMITÉRIO

Conforme nos asseveraram responsáveis militares que participaram no assalto ao acampamento de Mambuli, nele viviam mais de um milhar de pessoas, entre bandidos e populações por estes raptadas em vários pontos da Província de Inhambane e ali mantidas em cativeiro nas mais degradantes condições.

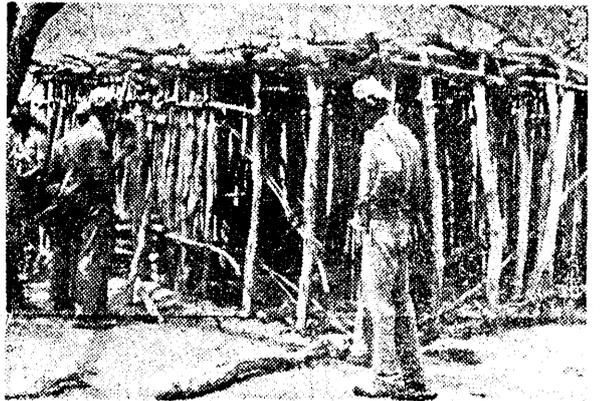
Para percorrer toda a área pela qual se estende este acampamento levámos cerca de uma hora e 10 minutos. A extensão da zona não foi a única razão do tempo que gastámos a percorrê-la. Os nossos acompanhantes observaram e recomendaram-nos, durante toda a visita, um cuidado extremo, porquanto o lugar se encontrava minado.

Por entre os escombros de barracas, armazéns e outras construções

caolinadas, notam-se vestígios de centenas de pequenos casebres, dispostos sem qualquer alinhamento. Mas existem ainda algumas casotas aqui e ali que sobreviveram ao fogo de artilharia durante o combate tra-

falta de escrúpulos e ambição de luxo que constituem a divisa do bandido armado.

Numa ala um pouco destacada do resto dos casebres, distinguimos cerca de meia dúzia de barracas, que a julgar pelo tipo de lixo existente deveriam albergar aquilo que os próprios bandidos designam por «Destacamento de Apoio Físico», e que não é mais do que as mulheres raptadas e destinadas a saciar os apetites sexuais dos bandidos. Neste



Esta é a prisão onde os bandidos encarceravam os raptados que resistiam ao seu aliciamento ou todos os suspeitos de alimentarem simpatia pelo Partido Frelimo, no acampamento central de Mambuli, em Tome

vado contra os bandidos. Na sua maior parte são barracas revestidas por para-quedas de um verde vivo, usadas pela aviação sul-africana para o lançamento de material.

A sensação imediata que se tem neste local é de mal-estar. Formando um espesso tapete de porcaria, tudo está de avesso, lataria vazia, de vidros «made in RAS», cápsulas, invólucros e embalagens de projecteis diversos à mistura com grandes quantidades de balas dos mais diferentes calibres, ainda intactas e espalhadas pelo chão, num esbanjamento que mostra a despreocupação dos bandidos face à garantia de fornecimento assegurado pela África do Sul racista.

Excrementos humanos, trapos ensanguentados, ratanzanas barrigudas saltitando por entre queixadas e tibias de bovinos. É neste cemitério que os comandos operacionais dos bandidos armados vivem quando estão dentro de Moçambique.

Nem sombras de machambas em todo o acampamento.

No interior de cada uma das casas, portas de madeira, algumas ainda com as suas dobradiças, violentamente arrancadas em cantinas e outros edifícios de alvenaria, servem de camas. Pilhas de ossos e de chifres de centenas e centenas de bois, cabritos e de bodes pilhados às populações, são a muda acusação da natureza criminosa dos bandidos.

A imundície é o pano de fundo, os utensílios de cozinha — boas panelas metálicas igualmente saqueadas às populações — estão cobertas de crostas de comida, já enegrecidas.

Rádios, altifalantes, motorizadas e outro tipo de aparelhagem sonora, que tinham sido roubadas a emigrantes regressados das minas, estão espalhados pelo chão e já espalhados, num testemunho eloquente da

local divisamos restos de blusas, calçado feminino, pedaços de «soutiens» e de várias outras peças de vestuário próprio de mulheres.

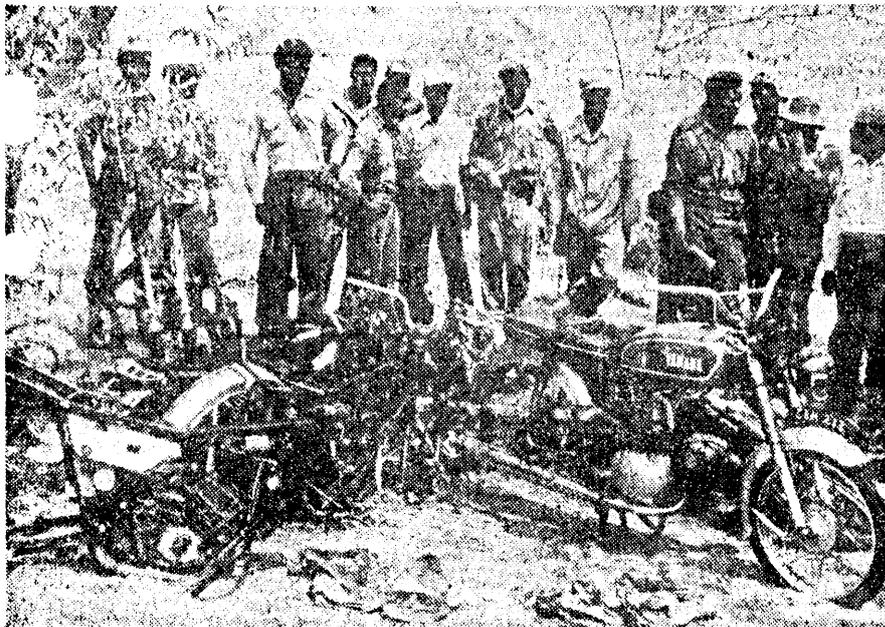
A CASA PRETA

Depois de passarmos por um paiol subterrâneo, onde estavam concentradas toneladas de armamento, chegámos a uma construção igualmente subterrânea, que segundo nos disseram servia de sala de reuniões de comando dos bandidos, na qual que por estes era denominado «a casa preta debaixo da árvore grande».

Aqui reunia-se o comando dos bandidos ao nível das três províncias do Sul, para planificação das suas acções. Nenhum bandido de escalão inferior tinha acesso a este lugar, pois estavam aqui concentrados muitos segredos. Além do comando, só especialistas sul-africanos entravam aqui, segundo informações que temos — disse-nos o comandante de um dos batalhões das FAM (FPLM) que participaram no assalto ao acampamento de Mambuli.

Um outro pormenor interessante é o da existência de uma cadeia. Trata-se de uma construção tosca, uma espécie de curral igualmente coberto de imundície, onde eram encarcerados os raptados suspeitos de activamente se oporem aos bandidos ou que demonstravam firmeza patriótica e ainda os membros das fileiras dos bandidos acusados de brandura no espancamento das populações.

Quando assaltámos o acampamento, encontramos corpos de seis prisioneiros recém-abatidos a sangue frio pelos bandidos, antes da sua fuga desordenada — explica-nos aquele comandante das FAM (FPLM).



Motorizadas novas, além de outros bens, saqueados às populações, são selvaticamente destruídos pelos bandidos, no seu covil de Mambuli